

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 2-1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM  
Propriedade do grupo editor da  
**TERRA LIVRE**

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração  
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

## A "Sebenta" e a C. G. T.

Jorje Ivetot, secretario das Bolsas de Trabalho de França, responde, na "Bataille Syndicaliste", á conferencia do sr. dr. Afonso Costa

Na *Bataille Syndicaliste*, de 10 do corrente, Jorje Ivetot, secretario da secção das Bolsas de Trabalho da C. G. T., occupa-se largamente da conferencia realizada em 26 de janeiro pelo sr. Afonso Costa. Infelizmente, as dimensões do nosso semanário e a superabundância de orijinal não nos permitem reproduzir na íntegra o interessante comentário do conhecido militante sindicalista e anarquista francês.

Eis como êle começa:

"A tão jovem República de Portugal parece querer caminhar, e caminhar depressa, pela via democrática e social desta já velha e bem fanada República francesa;

"Já se sente — abundam as provas — a necessidade esperimentada pelos homens d'Estado da República portugueza de se collocarem sob a autoridade moral dos mais abjetos dos nossos políticos *parvenus*. E' entre todos os nossos traidores ao seu passado, entre os nossos mais illustres renegados que êles veem procurar os seus modelos e é nos nossos mais pretenciosos teóricos que êles acham os seus piores argumentos para enganar o povo de Portugal.

"... Embora tenha tomado por tema: "Socialismo e Catholicismo", o sindicalismo revolucionário é que era visado.

"... E' nos doutrinarios socialistas de há poucos anos, entre os colaboradores da revista *Mouvement socialiste*, que se apoia o homem de Estado portuguez para explicar o sindicalismo atual e preservar dêle os operários da sua nova República.

"O sr. Afonso Costa documentou-se bem. Por isso falou como um livro. Ceifou a erva alta semeada pelos jovens e velhos escritores do *Mouvement socialiste*. Dos Eduardo Berth e dos Jorje Sorel leu e aprendeu toda a pretenciosa teoria. Deses intellectuais que, diziam êles, "pensavam o sindicalismo" em quanto os militantes operários o viviam, o ministro portuguez adquiriu a ciência dum sindicalismo falso e complicado."

Ivetot mostra em seguida co-

mo o sr. A. Costa espõe o sindicalismo (segundo o relato do *Mundo*); diz que não é esse o que existe, sobretudo em França e Espanha, suscitado pela vida operária; occupa-se da exclusão dos intellectuais dos sindicatos e fala da luta de classes, escrevendo:

"Não sei se os operários refletiram muito na luta de classes e no seu principio, majistralmente estabelecido por Karl Marx.

"O que sei bem é que os trabalhadores, não inteiramente embrutecidos, sabem reconhecer que são bem duma classe diferente da daqueles que tiram proveito do trabalho dêles e mesmo da daqueles que se fazem auciliares, defensores dessa classe dominante e exploradora. Os operários não tem lá grande vagar, nem disposição para se deleitar nos divertimentos dos contrastes: estes saltam-lhes à vista, penetram-lhes no espirito e avivam-lhes o ódio de modo bastante claro para daí podermos deduzir os sinais precursores duma vingança próxima.

"E' bem concebível então que para nada contemos com a intervenção do Estado. Este é naturalmente o inimigo. Disso dá êle, aliás, em todas as partes e circunstâncias, provas suficientes à classe operária para que esta se não deixe lograr pelos seus velhacos e perigosos engodos em forma de leis operárias ou de reforma, cujo ridiculo valor é por nós bem conhecido em França."

Depois de chamar "tola heresia" à afirmação do sr. Afonso Costa: que "é para precipitar a catástrofe prevista pela tese de Marx, catástrofe devida à auto destruição do rejime de concentração capitalista que o sindicalismo apela para a ação dirêta e para a greve geral"; depois de aludir à "pérfida" apocimação, própria dum anticlerical de govêrno, entre o sindicalismo e o clericalismo romano, o secretario da C. G. T. esclama:

"E' aí está o hábil político que os trabalhadores de Por-

tugal vão encontrar na sua frente para se opôr ao simples desenvolvimento da sua organização sindical. Quem os salvará, senão êles mesmos, da corrupção que o republicano Costa, à imitação de Millerand, vai tentar sobre êles?

"Esse achará doido, energúmeno, o homem do povo, o operário que se opuser à sua maneira social de pensar e de agir.

"Este discurso é o prelúdio

da perseguição dos militantes não arrivistas; é o prefácio da opressão republicana e democrática do povo portuguez que trabalha pela sua emancipação. Ai dos operários sinceros que não vêem revelar-se o tirano burguez da República portuguesa!"

Comentando o conselho ministerial dado aos operários de elegerem deputados e aguardarem leis salvadoras, Ivetot conclue:

## Factos e comentarios

### Maternidade...

Quem leu outrora os belos artigos que os caudilhos republicanos escreveram sobre assistencia publica em geral e sobre maternidades em especial, quem tivesse ouvido o então nascente feminismo duma Liga cuja sorte é hoje ignorada — certamente esperou que, uma vez remodelados pela Republica os serviços dessa publica assistencia, com mais carinho fossem olhadas as dores dos que por ultimo refugio tem o catre hospitalar. Tudo, porem, continúa, na mesma. E não somos nós a dizê-lo a sós; um jornal burguez da tarde, pela boca do proprio dirêtor da enfermaria dos partos do hospital de Santa Barbara, contáva-nos ha dias horrores acabrunhantes acerca do que pela maternidade se faz entre nós.

Bem importa aos que tem lar, e conforto dentro dele, a mortificante angustia dos que vivem á mingua!

### Leixões...

O sinistro do *Veronêse* veio mais uma vez collocar na berlinda a questão devêras importante, o problema certamente grave do porto de Leixões.

Na brécha resurjiram paladinos a clamarem... no deserto, que é preciso enfim tratar das obras de que se fala ha uma eternidade inteira.

Esquecem-se esses maldizentes irritantes e esses ezijentes importunos de que todo o dinheiro será pouco para compra de mastodonticos canhões e de navios maiores que o continente europeu?

As obras referidas teriam a vantagem insignificatissima de servirem para evitar desastres como o que ha pouco enlutou tanta familia; os canhões que se pedem, os navios que se desejam tem uma missão mais nobre, um fim mais util: os do esterminio.

### O capuz

Num verdadeiro jogo de paciencia, procura-se ai a causa que levou o govêrno a abolir o capuz dos penitenciarios. E ha quem suponha tê-la encontrado na entrada do Leandro para a cadeia de Campolide. Linguas danadas!

### Presos politicos

Como alguns monarchicos façam notar que se contam por centenas os presos politicos do *escelente* rejime de liberdade em que vamos vivendo, certos republicanos replicam-lhes que maior foi o numero dos mortos por crimes politicos nos reinados de D. Miguel e D. Pedro IV. A noção que esta gente parece ter da justiça! O que

êles fazem não merece censura, porque já outros fizeram peor... Mas digam lá: tambem os anarquistas, tambem os trabalhadores não tem o direito de notar que nunca na monarchia — tirante talvez a primeira semana depois de 13 de fevereiro — houve tão elevado numero de presos por delitos de propaganda ou luta operaria?

### Qual crise, nem nada...

Operários sem trabalho é coisa que não existe; o que muito ha é trabalho sem operario. Se não pôde debelar-se a crise respeitante á agricultura e ao respetivo proletariado, tambem se não deve pensar na solução da crise que existe na construção civil, porque isto é que é genuina igualdade.

De resto, um homem arruma facilmente o assunto com uma entrevista bem recheadinha de banalidades.

Qual crise, nem nada?! O Sr. Alvaro Pope que o diga...

### Prerogativas parlamentares

Por quèstiunculas de imprensa, ao que parece, — um deputado chamou outro a um dos gabinetes da Camara e agrediu-o, deixando-o bastante maltratado. Em seguida... Em seguida o ferido foi curar se ao hospital, e o agressor foi ocupar o seu *fauteuil* na sala.

### Todos á pedra

Não vingou a ideia mirifica do quadro preto para as demonstrações dos srs. senadores. E bom foi. Um bocadinho mais de pitoresco seria sufficiente para reter fiéis á geringonça parlamentar os seus partidarios menos convictos.

### Concertando a albarda

Preocupado em arranjar dinheiro para a loba que é a administração publica, o ministro das finanças lembrou-se de pedir ao Congresso autorização para esta sinjela operação: — multiplicar por 15 a importancia de certos rendimentos tributarios. Ia a coisa em bom caminho, quando no Senado se esboçou um gesto de recusa. Então o ministro num clamor de ameaça, bradou: — «Ou o Senado aprova o projeto ou abandono o meu lugar!» E os senadores, encolhidos, aprovaram; o homem, gloriozo, ficou; e o povo, sempre burro, vai pagar... sabendo então pelo facto o que lhe custa a tributação dos ricos com que lhe acenam.

«Não, não, camaradas, pois esperaríeis muito tempo pelas boas leis e pelas belas reformas. E quando enfim as tivésseis, seriam para vós o que para nós são: estúpidas complicações em troca de vantagens ilusórias admitindo o caso de serem aplicáveis ou aplicadas!... De rial só há a conquistas do proletariado, pela sua própria ação.

«... Antes que o nosso sindicalismo revolucionário sucumbia sob os anátemas dos burgueses e seus ministros e sob as calúnias imbecis dos intelectuais de todos os partidos, ter-se-ão cansado os operários alemães e ingleses, uns da sua organização sindical socialista, tão pesada e tão complicada, os outros da sua organização sindical tão corporatista.

«E' o que muitos indícios nos fazem já prever: dêse facto são primícias certas grandes greves e manifestações económicas. Na Inglaterra, sobretudo, há qual-quer coisa de mudado. O mesmo sucederá na Alemanha, quando se puder dizer a verdade aos operários sem ser por intermédio dos seus funcionários, em vez de os deslumbrar com riquezas que até aqui não têm sido para eles senão forças paralisadoras. Na Alemanha como noutras partes, não hade o sindicalismo ser sempre dominado pela influência de excelentes militantes que, a meu vêr, tem o defeito de ser antes dum partido político e depois sindicalistas.

«Em França, quando se compreender que é um erro querer macaquear demais o centralismo lá de fora, afastando-se das bases federalistas, dissipar-se-á o constrangimento. Quando os nossos militantes operários se sentirem enfim resolvidos a evadir-se de toda a promiscuidade política para ajir apenas no terreno económico e sindical, já não haverá penúria de combatentes. Enfim, quando soubermos ser nós mesmos, sem nos deixarmos influenciar por quem quer que seja, digam o que disserem e façam o que fizerem os políticos, o reinado destes e dos que com eles contam para adormecer o operariado estará prestes a acabar.»

## Saturnino Grant

Morreu o Saturnino. A dolorosa notícia recebemo-la quinta-feira, no laconismo de um telegrama; e talvez por isso, talvez por não o sabermos doente, profundamente nos impressionou. Nós perderamos um amigo e camarada, mas quantos não haviam visto desaparecer a ação consoladora e fortificante da bondade!

Aragonês, vierá para Portugal, ha perto de 20 anos, traido na onda tormentosa de uma das ferozes perseguições dos anarquistas, em que se tem distinguido o governo de Madrid; e aqui pudera refugiar-se protegido por este sim-

ples artificio: — a troca do seu nome de Saturnino pelo de Emilio. Escelente alfaiate, em Lisboa não tardou em obter colocação nos melhores estabelecimentos e foi até — se não estamos em erro — professor numa das aulas técnicas da associação da sua classe, cujos trabalhos durante certo tempo acompanhou: a terra do exílio não lhe era inenos suave do que o proprio paiz. Ultimamente ficára-se em Coimbra, e aí o foi colher a morte.

Pobre amigo! Como lhe deviam parecer amargas as horas finais, amargas e duras como uma injustiça, menos para êle do que para os seus, tombados, sem o seu apoio, no viver sempre incerto e negro, que é o destino de todos os trabalhadores!...

## Uma carta de Malato

aos anarquistas portugueses

Do nosso camarada Carlos Malato recebermos uma longa carta que, embora não destinada à publicidade, reproduzimos integralmente, se não fosse a falta de espaço que nos embaraça desde o primeiro numero. Damos no entanto alguns pontos muito interessantes, que seria pena calar.

Malato explica-nos a sua concepção libertaria:

«Cheguei à concepção anarquista, para a qual me levava uma tendência natural, passando pela ideia republicana. Ou antes, a anarquia foi para mim a republica ideal, comunista (*res publica*), libertaria e por consequencia fraternal — pelo menos infinitamente mais do que a nossa triste sociedade, toda de antagonismos.

«Pela realização d'esta república ideal lutaram e morreram mártires, precurosos, generosos escóis. Os *levellers* ingleses de 1649, os babovistas francezes de 1796, os internacionalistas e comuneiros da segunda metade do século XIX, os nihilistas da Rússia, os anarquistas de Chicago, da Espanha, do Japão, ligam-se à mesma corrente social.

«Quanto à república histórica, à república estatista e capitalista, que substituiu o rei único por algumas centenas de lejisladores soberanos... sob a pressão das desigualdades sociais a manter, essa quando muito não é senão a caricatura da nossa republica ideal.

«Em quanto a república coincide com a revolução, em quanto vibra com a paixão e entusiasmo da massa despertada, em quanto escuta a voz dos homens ou grupos da vanguarda, é grande e aureolada. Pelos gestos que se fazem nesse periodo, pelas ideias lançadas, realiza-se um progresso, dá-se um passo para a frente.

«Depois—é uma lei natural—chega o momento em que se detem a força ezausta, em que se cristalizam novas instituições

destinadas a opor-se por sua vez ao movimento progressivo das novas gerações.»

Em seguida, como já fez numa carta publicada no *Sindicalista* e na *Aurora*, o nosso camarada faz considerações sobre a república portuguesa, sobre a impotencia dos seus inimigos reacionários, de dentro e de fóra, e acha que não devemos abandonar a propaganda antimilitarista — «que se faz por toda a parte, mesmo e sobretudo na Alemanha» — que não devemos, sob pretexto de defeza nacional, «deixar reforçar, moral e materialmente, uma instituição destinada a manter a massa proletária na sua situação de serva económica do Capital.» Termina com o belo incitamento seguinte:

«Quando visamos um alvo distante, só o atingimos tomando o ponto de mira mais acima. E' porque é preciso ter em conta as forças de resistencia.

«Não receemos, pois, visar alto.

«Se vós não mantivesseis, acima das campanhas e das lutas cotidianas, o ideal nitido e integral duma sociedade de trabalhadores emancipados, vasta federação económica na qual serão suprimidas as funções parasitárias, cáreis abaixo de zero.

«Tende o sentimento das situações e mesmo, ocasionalmente, sendo preciso e possível, habilidade. Seja! Mas não abduqueis.

«Só os fortes é que são respeitadas. Mantende-vos mais do que nunca o partido dos trabalhadores conscientes — que não se satisfazem com os torneios estereis dos politicos profissionais — e que, eliminando o Estado hierarquico, o Patronato explorador, as fronteiras e os ezercitos, passarão da republica burgueza á republica social e libertária.»

## Revista dos jornais

### Sem trabalho e sem pão!

O *Socialista*, perdidas as ilusões que lhe troussera a ida do sr. Afonso Costa ao poder, escrevia em 14, sobre o caso dos operários sem trabalho o seguinte:

«Infame, simplesmente infame! Hontem, nos tablados dos comicos, os tribunos da Republica, choravam amargamente a situação das classes operárias; hoje, quando os operários na justa causa das reivindicações dos seus direitos pedem justiça, o governo da Republica dispersa-os á força com os sabres da policia e com as pranchadas da guarda republicana; hontem, quando os operários pediam trabalho ao sr. dr. Afonso Costa, na Camara dos Deputados, declarava-se o procurador dos operários e nos largos gestos da sua grande eloquencia obrigava os governos monarchicos a todos os sacrificios, para que aos operários fosse dado trabalho; hoje, sendo presidente do ministerio, o sr. dr. Afonso Costa não só nega trabalho aos operários, mas ainda pela boca da sr. ministro do Fomento, diz que a pretensão dos sem trabalho é comer á custa do Estado!

Isto é o mais supremo dos insultos! Enquanto que os tubarões de todas as matizes politicos estão com rendozos logares, sugando os dinheiros da

nação; enquanto se dão pingues comissões a todos os afilhados e compadres politicos; enquanto que um chusma de parlamentares ócos, sem dotes de intelijencia e a maioria deles sem valor moral e intelectual estão sentados á meza do orçamento como representantes do povo, s. ex.<sup>a</sup> o sr. ministro do Fomento, fingindo não vêr nada disso, afirma em pleno parlamento que os operários, reclamando trabalho, apenas pretendem viver á custa do Estado.

E, ante as palavras do sr. ministro do Fomento, calou-se o sr. dr. Afonso Costa...

Bem está. O que não compreendemos é como a melhor forma de protestar contra o atual estado de coisas seja *ingressar no partido socialista*...

### A sr.<sup>a</sup> D. Constança

O poeta Lopes Vieira, tradutor da brochura de Kropotkin *Aux genes gens*, e profanador de Gil Vicente, cantando a bondade desta senhora ante os juizes militares que a vão julgar como conspiradora, disse estas palavras:

«E ao passo que D. João de Almeida recebia na Penitenciária frescas ramadas de arvores, com que fabricasse na sua cela uma consoladora paisagem, — anarquistas presos recebiam tambem das suas mãos a infinita graça que elas derramam.»

Veem na *Luta* de 15. Pretende o sr. Lopes Vieira que o tribunal, abs-tendo-se de julgar, beije a mão da sua protegida e a conduza pelo braço aos que a amam. Mas esse gesto, que seria na verdade encantador — principalmente se se estendesse a todos os acusados da justiça organizada — não nos será dado observá-lo, visto o desagrado do *Mundo*, que não póde admitir poucas vergonhas.

Ah! em compensação, como nós gostaríamos de conhecer os tais beneficios recebidos por anarquistas! Se os camaradas favorecidos quizessem satisfazer a nossa curiosidade...

### Lá por fóra

O sr. Mayer registou o outro dia, com grande praser, a revivescência do espirito patriótico em França. Verdadeiro ou falso, o facto é dos que agradam aos republicanos dos cinco partidos do rejime, todos empenhados na defeza nacional, que é como quem diz na duração da *curée*. Veja-se o que diz, por ezeemplo, a *Republica* de 14:

«Há em todos os povos que uma cobardia lastimavel não inutilizou ou uma doença medular não paralisou, um *frisson* patriótico claro, e um desejo notavel de engrandecimento material. Espansão económica, espansão politica, expansão mental, aspéto diferentes d'este neo-imperialismo nascente — são hoje as preocupações dos grandes povos, dos povos cujo futuro se divisa claramente já. Nós, em Portugal, vivemos muito na Lua, e como só damos pelas coisas depois de elas estarem velhas lá fóra, é que andamos ainda na suposição de que lá fóra ainda se pensa como nós queremos pensar cá dentro. Acima das teorias dos metafisicos e superiores ás habilidades especulativas dos filósofos bisantinos, há as necessidades dos povos, a alma das nações, as suas qualidades de raça que por muito dominadas, mais cedo ou mais tarde, veem a despertar. Quem conduz a vida é o *facto* e não a *ideia*.»

Será o *facto* e não a *ideia*. Será. Mas porque teima então o sr. Antonio José, em opôr a sua politica de *principios* á politica de *facts* do sr. Afonso Costa?

### Barril do lixo

Não ha forças humanas que transformem as sociedades que vivem durante um século de paz. E' pela guerra que as nações adquirem a consciencia do seu valor e, se houvesse meio de acabar a guerra, o mundo dejenearia no mais puro materialismo. A paz e a sensualidade, a paz e o egoismo feroz, a paz e a subservencia e a morte são sinonimos de todas as epochas desde que o bicho homem domesticado pela civilização apareceu sobre a terra. — *J. A. C. dos Santos*, — *A Luta*, de 12<sup>o</sup> de fevereiro.

AS FRÁZES FEITAS

## “EZALTADOS”

O emprego injusto dum vocábulo,  
referentemente a uma atitude honesta

Volta e meia leem-se na proza maneirinha de conspicuas gazetas, áceres censuras aos que *violentamente* fazem propaganda dos mais avançados ideais. Uns pretendem, doutoralmente, que o mundo sempre será mundo, e inuteis todos os esforços dos sonhadores; clamam outros, mais razoáveis, talvez mais *condescendentes*, que para isto melhorar se faz mistér deixar que o pó de muitos séculos cubra as utopias de hoje, afim de que elas valham depois, como o generoso vinho de garrafas legadas de avós a netos na patriarcal garrafeira.

Aos que teem pressa, aos que põem na sua propaganda o ardor prosélico de uma fé nova e ardente; aos que sem tibiezas proclamam a necessidade absoluta, urjente, inadiável mesmo, da reforma social; aos que impetuosamente arrancam da face maquiavélica da Hipócrisia a máscara estanhada da transijencia vidèirinha— a esses chamam *cs ezaltados*.

Provêm isto dô amolecimento que deu ao caráter dum povo a corrupção provinida das classes dirigentes, de ha uns poucos de séculos para cá. Quantos, no seu fóro íntimo, aplaudem doutrinas que perante a sociedade condenam, apenas movidos por um medo que os inferiorisa! quantos sentem a verdade de ideais que renegam por vilissimo interesse, ou disfarçam por *necessidade* de transijir!

Toda a criatura equilibrada compreende que não é a ferro e a fogo que se conquista o triunfo de uma determinada teoria social, tal como não é pela violência que se conquista amor. Para fazer o triunfo da teoria é necessária a propaganda racionada, metódica, serena, feita com punhados de factos, pela esperiencia, pela razão; para cativar amor preciso é que amor se empregue.

Lógicamente tem de admitir-se que quanto mais perfeito fóo o ideal enamorante, tanto mais perfeito será o enamorado. E a maior bondade contém-se essencialmente na maior perfeição. Ninguém como nós para perdoar erros de ignorantes, faltas de fracos, vícios de miseráveis. Esta humana atitude não implica de forma alguma o perdão, o esquecimento, a quasi apolojia do Erro, da Insuficiencia moral e do Vicio.

Da semelhante fórma, ninguém consciente e livre e bom pôde deixar de vergastar o mal que é feito de consciencia; o erro que é praticado por cálculo; o vicio que é oriundo de tórpe comprazer.

E são os máus com a con-

sciencia de que o são, os que erram por cálculo, os que se comprazem no vicio — que nós desassombradamente atacamos.

E são esses os que se dóem; esses são os que nos chamam *ezaltados*.

Não ha tal desmando, ferocidade, ezaltação nos gestos, nas atitudes, na propaganda da falanje heroica duma mocidade que apodréce á nascença; antes ha calôr, corajem, sinceridade — enerjia!

A injustiça consiste em vêo desrespeito onde está a fraqueza; em tomar por encarnaçãmento o que só é entusiasmo; em atribuir malevolencia onde apenas se pretende virtude.

Bom seria pois que as conspicuas gazetas fizessem repáro em que apenas se trata de definir uma corrente sociológica que ajita intelectual e moralmente a sociedade presente.

Tráta-se duma luta homérica entre o espirito regressivo e o espirito progressivo. O Passado quer ser Futuro e nós propômo-nos não consentir, obstando a que as novas gerações manifestem propositos sêctaristas e hediondas veleidades de retrocésso.

E é por isso que, com ardor, com entusiasmo, com enerjia, se faz mistér afirmar a preponderancia do pensamento anarquista na literatura, na arte, nas ciencias, etc., como valiozo elemento do livre-ezame e da ampla critica, e como processo organizador e fecundo, racional e humano, para a realização do Grande Sonho!

Edmundo d'Oliveira.

OH! AS REPUBLICAS!...

## CONTRA A EMIGRAÇÃO PARA O BRAZIL

Uma palestra com o enviado  
da Confederação Operaria Brasileira

Na quinta-feira passada, quando se preparava para realizar a sua conferência sobre a emigração operária para o Brasil, tivemos ocasião de conversar, na Casa Sindical, com o companheiro Antonio Vieitas, enviado da Confederação Operária Brasileira, com sede no Rio.

— «A C. O. B.—esplicou-nos êle,—agrupa, fora de todos os partidos políticos como a C. G. T. francesa, Sindicatos operários principalmente dos Estados de S. Paulo, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul. No Rio, desgraçadamente, ao lado dos sindicatos federados e confederados, há numerosas associações nas mãos de advogados e de políticos... hermistas, isto é, governamentais! Há ali uma porção de presidentes bem pagos que exploram essas associações...

«E' no Estado de S. Paulo que está o grosso dos sindicatos confederados, sobretudo em Santos, a Barcelona brasileira. Na capital do Estado, houve uma organização sindical ativa e florescente, que realizou importantes movimentos em 1906 e 1907, conquistando sensíveis melhoramentos, especialmente redução de horas; mas, após uma repressão selvagem e desenfreada — sem sequer o freio de parte da opinião e da imprensa, — só agora é que começa a renascer a atividade sindical, nomeadamente entre os gráficos e os sapateiros, como o demonstrou a tenaz greve duramente ganha pelos últimos, há pouco.

«Em Santos, vencidas certas

dissensões entre operários, pôde sólidamente organizar-se em sindicatos toda a classe trabalhadora, toda, inclusive os telefonistas, homens e mulheres. Iniciou-se então um período de greves rápidas e enérgicas, tão necessárias para melhorar um pouco as até ali intoleráveis condições de trabalho.

«O pior — continuou o companheiro Vieitas — foi quando chegou a vez dos trabalhadores do porto, isto é, quando os operários tiveram de enfrentar a poderosa Companhia das Docas, assim como os interesses dos comissários de café e dos fazendeiros que dominam no Estado de S. Paulo e até no Brazil... A cidade de Santos foi inundada de tropas... Vieram dois couraçados... Prisões, espancamentos, assaltos, expulsões sem processo... As violências foram inauditas...»

E com documentos, manifestos de comerciantes espanhóis, jornais, Vieitas citou-nos prepotências, cuja narração, junta à das infâmias, estorsões e maus tratos nas fazendas e nos carregamentos de imigrantes, fez depois soltar assombradas e indignadas exclamações ao público que enchia a ampla sala.

Proseguindo o delegado da C. O. B. diz nos: — «Para operar mais à vontade, os fazendeiros e políticos de S. Paulo obtiveram dos poderes federais uma lei de expulsão, que suprimiu todas as escécções antes existentes: residência superior a dois anos, filhos brasileiros, esposa brasileira... Qualquer estrangeiro, acusado ou suspeito de «perturbador da ordem» é sumariamente espulso...

— Entretanto, os naturalizados... iam a dizer.

— Nem êsses escapam! atalhou-nos imediatamente. Demais, até um brasileiro nato pode ser espulso (sem contar os menores, filhos de estrangeiros), pois a lei não admite apelação alguma, não admite sequer o *habeas corpus*... que afinal pouco vale, pois a policia sabe sempre iludi-lo. Assim, requerendo-se *habeas corpus* em favor dos primeiros espulsos, a policia respondeu que os não tinha, limitando-se a muda-los de «posto policial» ou de cidade... Eu fui um deles...

— E' boa! dissemos nós, pensando, com um sorriso, no projeto do sr. Mendes de Vasconcelos...

— A lei de expulsão — prosseguiu Vieitas — vai servir admiravelmente aos fazendeiros, para se livrarem das reclamações dos colonos que, tendo subido o preço do café, começam a pedir ínfimos melhora-

## O LOBO INSACIAVEL!

(A proposito da Contribuição Predial)



A unica vítima

mentos nas suas tristes condições de vida.

— Qual é, pois, o seu plano, nesta excursão pela Europa?

— O meu fim é interessar por esta questão as organizações operárias e os partidos populares, para que chegue aos ouvidos de todos que não devem absolutamente emigrar para o Brasil, em quanto lá vigorarem as atuais condições económicas e políticas... Eles precisam lá de imigrantes: não de trata-los então como se tratam homens, como eles prometem aliás na sua Constituição... Afinal, só em caso extremo se deve emigrar. Em geral, só os cobardes e os iludidos emigram: que os trabalhadores se organizem, que lutem, que digam: «Isto aqui é nosso!», mas não emigrem, caramba!»

Neste momento, o nosso amigo Cristo — em carne e osso, não o que nunca existiu — veio dizer a Vieitas que devia dar início à conferência. A sala, repleta, aguardava-o.

Que os nossos camaradas ouçam o que ele diz e que o ajudem na sua tarefa!

## Movimento libertário

### CHINA

#### A terra ao camponês!

— Após a revolução política, começaram as lutas operárias com êxito.

Agora é o despertar dos camponeses. Os caseiros da provincia de Chekiang associaram-se, jurando não pagar rendas e praticar entre si a fraternidade e a igualdade verdadeiras. Os senhores apelaram para a autoridade, que enviou soldados; mas estes tiveram de retirar, depois de um combate acido.

Na sua última proclamação, os valentes rurais chineses declaram:

«Não daremos nem um *tael* aos proprietários! As terras pertencem-nos, a nós que as cultivamos. Se querem matar-nos, pois bem! aqui estamos nós, homens, mulheres e crianças, dispostos a defender os nossos direitos!»

Segundo, parece, o movimento estendeu-se já a três provincias mais.

E ainda há pouco os orgulhosos europeus chamavam bárbaros aos chineses!

### ESTADOS UNIDOS

#### Guerra de classes.

O ano de 1913 abriu, na grande plutocracia norte-americana, com um período atadíssimo de greves: greve dos criados de hotéis e restaurantes de Nova-York, com atos de sabotagem violenta contra estabelecimentos como o Ritz Hotel; greve das costureiras noviorquinas, que defenderam valentemente o direito de *picketing* (o de fazer piquete ante as oficinas para impedir as traições), atacando a policia com as suas sombrinhas ponteadas e com os seus terríveis alfinetes de chapéu; greve teistil em Little Falls, quasi toda de mulheres, o que não impede a policia de empregar contra os grevistas as piores violências.

Foram julgados e condenados o presidente e mais 32 militantes da União dos Construtores em Ferro e Aço — corporação dos velhos moldes, ultra-reformista e moderada — por terem realizado vários atentados á dinamite, contra edificios onde trabalhavam fura-greves e amarelos. Isto, ao mesmo tempo que ignoravam e desprezavam as múltiplas formas da ação direta: em vez de as adótarem, lançaram de súbito mão da dinamite, levados pelo pânico e pelo desespero.

### SUIÇA

**Falta de patriotismo.** — Ao contrário do que afirmam os nossos republicanos, nem todos os suíços adoram o quartel. Entre muitos, um facto recente: o tribunal militar da 1.<sup>a</sup> divisão, reunido em Sion, cantão de Valais, acaba de condenar 14 soldados que não se apresentaram nos «cursos militares.»

Em França, depois de Agadir e das ameaças de conflagração, tem sensivelmente diminuído o número dos voluntários e dos reengajados.

Na Bélgica, o ministro da guerra declarou que havia 1:408 desertores em 1910, 1:584 em 1911 e 1:343 em 1912: quasi um décimo do contingente por ano.

A lira dos Déroutés vai perdendo o seu poder orfeico...

## A fadiga e o dia de oito horas

Entré as reivindicações que os operarios organizados de todos os paizes põem na ordem do dia, encontra-se a da diminuição das horas de trabalho que eles, no geral, reduzem a oito formando a já celebre jornada dos *Tres Oitos*: oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de recreio.

Em que esta reivindicação operaria se relaciona com a ciencia fisiologica é o que quero mostrar rapidamente e mais, como a fisiologia no estudo que faz da fadiga vem apoiar essa reivindicação tão justa e que tão obstinadamente prejudicial a vêm patrões e capitalistas.

Não é nova a questão das oito horas de trabalho; não foi preciso que em fisiologia se proclamasse experimentalmente a inconveniencia dum dia de 14, 16 e 18 horas de trabalho, ainda nas condições mais anti-higienicas e a ruina que daí advém á sociedade, para que as organizações operarias por ela tanto tenham lutado.

Mas lembremo-nos de uma coisa: que vivemos no seculo da ciencia, que esta a tudo se applica e por ela tudo se quer resolver chegando a não merecer consideração qualquer problema que não tenha sanção científica.

E a jornada das oito horas é daquelas questões que mais se imporá, julgo, justificada e apoiada pela ciencia. Ela passa assim do dominio inconsciente das reivindicações empiricas do operariado, para o dominio científico, mais vasto e muito mais seguro.

Chamá-se em fisiologia *fadiga* ao estado particular dum organ que não responde a uma excitação exterior ou interior, donde resulta a impossibilidade de produzir trabalho. De que depende a fadiga? Duas são as causas que se apontam principalmente: o esgotamento do organ em alimento (hidratos de carbono) e a acumulação no tecido muscular de substancias que se queimaram (verdadeiras cinzas) durante a contração ou trabalho do musculo. Estas

substancias são altamente tóxicas, isto é, são capazes de perturbar ou mesmo abolir a vida das celulas pela alteração do meio proprio onde vivem.

Esperiencias interessantes e altamente significativas o mostram hoje. Tais são, por exemplo, a da fadiga que sobrevem num animal quando no laboratorio se injeta propositadamente o sangue dum outro animal caçado, onde existem portanto essas substancias tóxicas, e muitas outras que seria interessante enumerar mas que não cabem na indole do nosso jornal. São estas substancias tóxicas que não podendo servir novamente para a nutrição das celulas e acumulando-se trazem a incapacidade para um novo trabalho. Nestas circunstancias só o repouso é condição para a natural eliminação das mesmas.

Vê-se por isto quão importante não é o problema da fadiga nas suas relações com a vida de trabalho do operario.

Descobre-se a verdadeira causa da mortalidade precoce do trabalhador e dos accidentes no trabalho, no auto-envenenamento do organismo produzido pela fadiga continua em que este se encontra, resultante do excesso de trabalho.

Foi por isso que Mosso e outros fisiologistas e mais tarde sociologos eminentes puderam afirmar, baseados nessas experiencias que o operario que continua trabalhando depois de caçado não só produz um trabalho util menor, mas ainda sofre um efeito nocivo muito maior no seu organismo. E é assim que em apoio de tudo isto vem a estatistica provar-nos que os accidentes no trabalho são muito mais numerosos nas ultimas do que nas primeiras horas, do seguinte modo: «das 6 ás 9 da manhã 2, 9 0/0; das 9 ás 12, 18, 8 0/0; da 1 ás 4, 32, 5 0/0; das 4 ás 7, 43, 3 0/0.»

Hoje que conhecemos as verdadeiras causas, deveremos espantar-nos dos efeitos que a estatistica acima apontada, tão eloquentemente mostra? Sem duvida que não. O regime de 14, 16 e 18 horas de trabalho introduzido na industria, — li algures, — pela applicação das maquinas e a gananciosa necessidade dos proprietarios em as amortizar em pouco tempo, atesta bem a inqualificável contradicção do progresso científico com o bem estar humano. Mas já que esse bem estar não toca as massas trabalhadoras no que respeita a comodidades, que ao menos ele se realize no descanso tão necessario para a boa conservação da saúde. Esse descanso podem os trabalhadores temporariamente encontra-lo na realização do dia de 8 horas a que a fisiologia tão plenamente dá o seu apoio experimental como atraz fica esboçado.

**Afonso Manaças.**

(Estudante de medicina)

### UMA CAMPANHA JUSTA

## Pelos presos por questões sociais

### A Republica e os operarios

A situação é a mesma  
Um alvitre: é necessario  
que a campanha saia á rua

Por varias cadeias do paiz continuam presos — uns *sem que se lhes forme culpa*, não obstante se encontrarem privados da liberdade ha varios meses, outros sem que o processo marche, sem que o julgamento lhes seja anunciado — os mesmos 110 camaradas a que nos referimos aqui, no numero passado. A justiça continua dormindo com a maior serenidade; e o presidente de ministros, o socialista Costa, matutando, talvez, com a maneira de realizar outra peça como a *dos capuzes*, bem teatral e aparatosa, que suba á cena depois dum estridente e prolongado apito, não se dignou ainda olhar pelo caso nem chamar sobre ele, com o seu dedo pombalino, a atenção do ministro da justiça.

Mas nós não desistimos. A campanha continuará, e, embora possa haver quem julgue que ela é inutil, que isto é o que costuma chamar-se «bradar no deserto», nós estamos convencidos de que, se ela se generalizar e intensificar e não ficar só em palavras, os resultados desejados hão de obter-se.

O operariado tem bem presente como conseguiu impor-se quando o governo transato procurava levar a efeito o projecto de lei das *cadernetas profissionais*. O operariado sabe muito bem — e isto foi um exemplo bem concreto de quanto vale a *ação directa* — como com os seus concorridissimos comícios, as suas marchas imponentes atravez da cidade até o ministerio, a sua atitude serena, na qual não deixava todavia de transparecer a energia e a revolta, conseguiu inutilizar esses projectos cheios de perigosissimas armadilhas.

Pois bem! Porque não ha de o operariado, ao lado da campanha que se fôr fazendo em jornais operario se anarquistas, organizar um, dois, dez comícios? Porque não havemos nós todos de fazer ver a toda a gente as infamias que se praticam á sombra desta republica? Porque não havemos de mostrar a nossa força serena e obrigar, o presidente do ministerio a sair do alheamento em que se encontra e a ir acordar, seja embora a toque de apito, a justiça que dorme serenamente, profundamente, com a cabeça sobre o travesseiro das arbitrariedades e violências da autoridade?

E' este, a nosso ver, o caminho a seguir.

## \* PELO MUNDO DA ARTE \*

## MÚSICA

## Orquestra Sinfónica Portuguesa

Neste nosso meio açanhado e mesquinho, em que as coisas de Arte não logram interessar o grande público, ficando sentidas as suas manifestações restritas a umas dúzias de *snoobs* e quatro ou cinco apaixonados, a fundação duma orquestra sinfónica, já duas vezes tentada, e a sua consolidação definitiva, são factos de capital importância social e artística.

Emquanto na Alemanha o movimento chamado de protecção ao Parsifal se alastra e interessa homens de todas as classes e toma proporções de grave questão nacional, entre nós — onde está fechado o primeiro teatro por não haver quem o frequente — só consegue interessar e agitar a opinião a questiúncula política, pão espiritual do português, que, não sabendo ler, é naturalmente levado á discussão dos ponderosos problemas da governação. Daí... os males que se sabem.

Ora a Arte, sendo o principal fâtor da educação e especialmente o mais forte vigorizador moral, não deixará de fazer sentir a sua acção, desde que seja acessível a todas as classes.

E é sob este aspéto que os concêrtos sinfónicos mais dignos são de aplauso e incitamento: as camadas populares, á medida que forem educando o sentimento artístico com sucessivas audições, irão aperfeiçoando, desenvolvendo o instinto do Belo, que tem adormecido ou mal guiado, ascendendo, por um gradual esforço, até á compreensão das grandes obras, por ora privativas das *élites*.

Se se pudesse dispensar a parte industrial da empresa, esse resultado seria relativamente rápido; infelizmente é isso impossível, pois seria a morte inevitável da orquestra. Assim, há que atender ao fâtor económico, organizando programas ao gôsto do publico, tarefa tanto mais difícil quanto mais heterojêneo é esse público.

A frequência dos concêrtos pode dividir-se em tres grandes grupos: a parte *snoob*, que ocupa a maioria dos logares caros, que vai porque é *chic*, e cuja colaboração é indispensável para garantir a parte económica — é a que delira com a *Rhapsódia Húngara em dó*, de Liszt, que pede para se executar mais uma vez a *suite de Peer Gynt*, que nos teatros líricos aplaude a *Tosca* e faz bisar o *côro a bocca chiesa da Madame Butterfly*; — a parte

amadora, entendida, cuja maioria ocupa o segundo andar; — e, finalmente, os que vão encomodar-se para os logares baratos, os sinceros amadores de instinto, que se emocionam sinceramente, injenuamente. A missão educadora deve exercer-se especialmente sobre estes.

São estes uma massa virjem — com a boçalidade própria das virjens — pronta ao sentimento, rápida na vibração, mas incapaz de compreender as altas manifestações do genio, de interpretar, de receber as impressões delicadas da musica pura, abstrata, nas suas formas mais nobres.

Com o sentimento derrancado pelo fado, estasia-se com qualquer frase lamecha e piegas; com uma noção rudimentar de grandeza; arrebatada se com as grandes tempestades de som, com os ciclones dos metais; ovaciona até o delirio a sinfonia solene de Tschai-kovsky, estruge em aplausos á *Cavalcada das Walkírias*, menos pelo altíssimo valor intrínseco desta página, do que pelo potencial sonoro que embriaga.

Por isso ficam alheios perante o prelúdio de *Parsifal* e bocejariam durante a execução duma sinfonia de Mozart.

Como a Arte não pode descer até o povo, sem deixar de

ser Arte, é necessario, para que o esforço de quantos trabalham na nossa actual única empresa artística resulte benéfico para os que dele mais carecem, que seja o povo que suba até ella, concentrando todas as faculdades de sentir, guiando-se pelo instinto simples do Belo, insistindo nas audições do que ao principio lhe pode parecer mediocre, até alcançar um certo grau de compreensão e bom gôsto, que não poderá ser impeçável mas que facilmente depois educarão os que nisso tiverem decidido empenho.

H. de A.

## PINTURA

## O que ela deve ser — Em volta de duas exposições

A pintura, para ser Arte, não pode ser, de forma alguma, uma copia ezáta da natureza, uma fotografia colorida. A pintura deve ser a arte de sentir e pensar com côres, de traduzir e transmitir por meio delas — e pelo desenho, sua base necessaria — sentimentos e ideias. Destina-se a produzir em nós um *estado d'alma*, tódo sentimental, é claro, mas do qual a breve trechio se desprendem

ideias, raciocínios, observações.

Coada pelo esprito do pintor, a natureza — paisagem, homens, outros animais, etc — despoja-se de certas qualidades, de certos promenores, como a agua que ao atravessar um filtro perde elementos. Mas, se perde uns, ganha outros durante esse trajéto pelo cerebro do artista. E' que o cerebro do artista não é só um filtro. Um pintor pode [pôr na tela, com justeza de desenho e ezatidão de colorido, o interior dum quarto, a curva duma estrada, um homem ou grupo de homens que sem acorde sentimentos ou faça trazer para o primeiro plano da memoria situações já vividas. Pode ter pordijios de tecnica e a impressão produzida ser muito superficial, ir pouco alem da retina. E' então que se acha *agradavel, bonito, interessante*, e se analisa logo com relativa frieza. E o *agradavel, o bonito, o interessante*, são bem diferentes do *Belo*.

O quadro dum poente pode ter bom desenho, bem distribuida luz e cores apropriadas. Todavia, pode não produzir emoção funda, não criar o *estado d'alma*, não despertar melancolia, tristeza, bondade, nem fazer recordar o silencio misterioso dessa hora em que a natureza, tendo uma vida me-

## A MINA DE CARVÃO

Alto relevo de M. Inurria



O escultor simbolizou aqui, com genial acerto, o trabalho titanico dos mineiros, esses ciclopes da civilização modernas. Escondidos nas entranhas da terra, a profundidades imensas, alumtiados pelo debil resplendor de uma lampada, trabalham sem descanso batendo a picareta na canteira de carvão de pedra; e solitarios, nís ou quasi nís, em noite perpetua, ameaçados a cada instante por um desmoronamento, por uma subita irrupção de agua, pela esplosão do grisú, esses homens permanecem imperturbaveis, serenos, verdadeiros soldados dum exercito novo que se recruta entre as camadas de hu'ha húmida, nos mesmos estratos geológicos que sofreram as primeiras convulsões da Terra e a acção transformadora do fogo. Esses antros tenebrosos são a gestação de todos os adiantamentos civilizadores.

nos intensa, nos dá a aparência de se ir recolhendo a um repouso absoluto...

A representação dum cara sofredora, pode ter bem estudada a anatomia e disposição dos músculos da face nas suas crispaturas, bem colorida a tez, e, no entanto, não transfundir para nós nem dor nem piedade.

Em qualquer destes casos falta ao quadro — a alma. A emoção não se completa, toca-nos ao de leve. Por falta ou escêso de quaisquer traços, de quaisquer sombras, que as mais das vezes só os grandes conhecedores conseguem apanhar, a emoção é cortada a meio do caminho.

Essa *alma*, esse *quid* psicológico, que produz a emoção rápida e profunda, é pois o 1.º elemento da pintura-arte.

Mas o estado d'alma sujere ideias, lembra factos, conduz a conclusões sobre a sociedade e sobre a vida. Conforme os assuntos escolhidos e a maneira de os tratar, assim se perpetuam ou destroem preconceitos, se desenvolve ou atrofia o sentimento de solidariedade, se afastam ou aproximam os corações dos homens. Aparece a qui o 2.º elemento. É da justa combinação destes dois elementos — *sentimental* e *intellectual* — que saia pintura como Arte, como verdadeira Arte, impulsionadora, educativa, construtora dum futuro que na vida já se vai esboçando e acentuando.

E' assim que ela mais me impressiona e é assim que a entendo util.

No principio da semana fui ver duas exposições de pintura. A exposição Alberto Sousa e a exposição Emilia Santos Braga. A primeira de aguarela, a segunda a oleo.

Bem pouco delas se tem occupado os jornais diários — é sempre assim, neste paiz, com coisas de arte, neste paiz onde só a politiquice consegue conquistar os espiritos e entreter a opinião — e não serei eu quem lhes irá fazer minuciosa critica. O tamanho do nosso semanario e a abundancia de orijinal bem o explicam.

Na exposição de Alberto de Sousa, que já conhecia como caricaturista, ha quadros bons. Da maior parte deles ressalta claramente o magnífico desenho. Ha neles transparencia, frescura, muita frescura mesmo na grande maioria — qualidades essenciaes da aguarela mas muito dificeis de obter! Sob este aspêto de frescura é admiravel (em paisagem) a ramada dum freixo cujo titulo me passou.

Nas figuras é onde Alberto de Sousa é mais feliz. São sempre bem lançadas, são animada. O quadro *O Cais de Cacilhas* — de cujo ceu e luz não gosto nada — é disto um exemplo bem frizante; as suas figuras tem movimento, vivem no grande quadro difficil de pintar.

Os seus costumes e tipos são

muito interessantes: *O mendigo*, *O frade*, (donde se desprende um grande misticismo) *A tricana de Coimbra*, a bela *Cabeça* (estudo) e varios outros, são quadros em frente dos quais se pára com prazer.

Na paisagem, á parte uma ou outra mancha, os ceus prejudicam a emoção que principia. Assim, por exemplo, no *Moinho de Queluz*. A ruina, a figura ao lado, o terreno com sulcos, arido, amarelado, todo este conjunto, faz subir na nossa alma melancolia, desolação... O ceu, um pouco em desacordo com tudo o resto, leva para outro caminho o nosso sentir.

Encontrando outros ceus e dando situação ás suas bem lançadas figuras, Alberto Sousa virá a ser um verdadeiro artista.

A exposição Emilia Santos Braga — onde se encontram numerosos quadros e desenhos de discipulas — tem algumas telas bem dignas de respeito, de serem contempladas com demora: *A Suplica* que é talvez a melhor como execução; *Um frade* (cabeça); *Cabeça de velha*; *Maria de S. João* etc.

*Maria de S. João* impressionou-me bastante. A velhinha, na sua attitude natural, pensativa, pode dar a ideia da eternidade... Faz pensar que o tempo passa e que ela fica sempre assim, naquele concentrado recolhimento...

Uma tela grande — *Ociosidade* — tem bem escolhida a posição. A carnação é que é fria, lembra a morgue, não tem vida. Outro tanto se não dá com *A cigana* que, não sendo um quadro perfeito, tem bem encontrado o colorido do braço, a tez quente da face, o sensualismo da expressão e do cabelo esparso...

Sobral de Campos

## TEATRO

### A sua função social — A missão do ator

O Teatro é um complemento da Escola. Durante o periodo da escolaridade êle contribue para a educação geral e artistica da criança; posteriormente, na vida post-escolar, êle prolonga a educação e instrução das massas populares.

O Teatro, tal como deve sêr a sua verdadeira função social éssencialmente educativo: quer como anêso da Escola em que as crianças aprendem a falar, a articular, a interpretar os têstos, a inflectionar, e a ginástica das boas attitudes, e começam a viver em sociedades estranhas á Escola e á familia, apalpando a chamada *vida-pratica* nas peças que vêem ou representam, quer como elemento da vida social artistica dum povo, êle tem grande influencia no modo de sêr das sociedades e concomitantemente reflêto o

seu sentir e o estado de adiantamento civilizador.

O professor comunica aos seus discipulos as descobertas das ciencias, as invenções dos sabios, por um metodo em que a intellectualidade intervem indiretamente e educa-os no saber e no trabalho.

O ator comunica ás massas populares as intuições dessas descobertas e invenções previstas ou presentidas pelos autores, pelos artistas dramaticos — apresentando por meio de quadros em que se patenteia a vida das sociedades, o jogo das paixões e as determinantes psicológicas dos caratêres, — êle educa igualmente, como o professor, o povo no saber, no trabalho, no raciocinio, e quais as resultantes funestas para as diversas condutas sociais.

O Teatro é a arte que mais influencia dirêta tem nos povos e a que mais cala no intimo das multidões que já atinjiram um certo grau de civilização e que se aborrecem dos divertimentos de circo ou de combates de toiros, de feras quer estas sejam humanas ou não...

A sua grande superioridade está em que é uma arte eminentemente social. O Teatro efêtiva-se diante de centenas de pessoas que comunicam entre si as ideias, os pensamentos, os sentimentos e que vibram sob a mesma sugestão debaixo das mesmas determinantes!

A arte dramatica, interpretando a natureza, como, aliás, é o objêtivo de toda a arte, tem como matéria propria e esclusiva o sêr humano vivendo em sociedade, sob as diversas *mascaras* — *personae* — *personajens* — com que êle se nos apresenta na sua existencia social. Uma vez é o sêr humano despeçado na luta economica contra os privilegiados; outras é esse mesmo sêr esfrangalhado pelo embate contra as paixões afêtivas e absorvido pela atmosfera sufocadora da familia nascida do casamento ficticio e mercantil da era presente: outras vezes, ainda, são as injustiças sociais de que esse mesmo sêr é juguete que se patenteiam nos palcos. Em todas essas modalidades da vida do humano, ha sempre lições a dar e a receber, se o Teatro não quer falhar á sua missão civilizadora. *Flajelando os costumes* faz sentir o que êles tem de injusto e de imoral; apontando o mal, critica-o, destroe-o. Mas, ao mesmo tempo, a par dessa análise social, êle cria uma sintese e desenvolve as ideias novas e o anêcio por novas organizações sociais em que a vida seja bela num meio justo e são!

O professor e o ator são duas entidades que se devem conjugar, auxiliar e para tal é necessario que ambos se dignifiquem, deixando o primeiro de sêr um simples *mestre-escola* e o segundo um *cômico* e tendo ambos ideias!

Mas é realmente este Teatro que nós vemos para aí, por esses teatros e teatrinhos?

O que se vê são peças sem ideias, sem intuitos educativos, unicamente com fins comerciais ou de gloria facil. O que predomina é a pornografia, a peça idiota cheia de concêções disparatadas, verdadeiras sandices intellectuais e morais, explorando, sem filosofia nem literatura, todos os preconceitos, todas as reles tendências e baixas paixões do sêr humano. O sensualismo grosseiro de mulheres nuas, as situações equivocadas e os ditos de duplo sentido são os *motivos* obrigados de todas ou quasi todas as peças que por esses palcos se ezibem.

E os átores em vez de desempenharem a sua função educativa são pelos autores e empregarios obrigados a serem méros palhaços ou agentes involuntarios do estado perturbador e improgressivo da sociedade e da manutenção da *ordem*... burguesa.

E essa imundicie alarga-se, espalha-se... salvando-se, apenas de quando, em quando o Teatro da Republica e o Nacional...

### O Reposteiro verde, 4 atos de Julio Dantas — Teatro Nacional.

Foi este o primeiro orijinal que subiu á cena esta epoca e do qual merece dizer-se alguma coisa.

Julio Dantas é incontestavelmente um conhecedor de teatro e se é um autor que conta na sua bagagem literaria fiascos retumbantes tambem tem êxitos pouco vulgares na cena portuguesa. A epoca não vai para aquêles que se reclamizam muito e Julio Dantas criou em volta de si bastantes más vontades não só pela impertinencia como os jornais costumam falar da sua pessoa e das suas obras, mas, tambem, justo é dizê-lo, devido a haver muita jente invejosa do seu estudo, do seu saber e do seu nome como autor dramatico. Julio Dantas ganharia mais a amizade do publico, a simpatia dos frequentadores de teatro que amam verdadeiramente o teatro, se produzisse mais e apparecesse menos... nos jornais.

Julio Dantas como autor dramatico e como professor da secção dramatica do Conservatorio de Lisboa tem incontestavel logar na dramaturgia portuguesa e o seu novo orijinal não o desonra.

*O Reposteiro verde*, ao contrario do que se disse, não é falho de merecimento e tem sobretudo teatralidade. Era digno de maior vida e de mais benevolencia.

E' uma peça honesta e como tal merecedora de mais consideração e apreciação do que teve.

E' uma peça interessante, perfeitamente conduzida sob o ponto de vista teatral, em que as situações se sucedem sem violencia ou esforço.

É uma tragédia, que pelo desenlace se pode classificar no género *guignol*, mas tem as qualidades das tragédias psicológicas modernas, género aprocimado de Gabriel d'Anunzio e que por vezes atinge e alcança empolgar os espetadores pelo terror das situações.

Sob o ponto de vista social o *Reposteiro Verde* retrata-nos um meio invulgar em Portugal e quando ezista não tem a intensidade que o autor lhe deu na caracterização dos diversos personagens. Isoladamente, e com a característica da *brandura dos nossos costumes* ha por aí muitos *pôdres* iguais aos que o autor quis descrever-nos, ha por aí muito bandalho e inconsciente iguais ou muito parecidos aos diversos tipos com que Julio Dantas encheu a sua nova peça. Mas ainda assim não chegam a constituir uma classe, uma casta, um meio especial distinto, e daqui talvez um dos motivos da pouca aceitação por parte dalgum publico mais ezi-jente.

A nosso vêr, porem, o pouco ezito que êle teve foi devido a dois factos que bem revelam a falta de criterio artistico do publico e nomeadamente da critica, dessa celebre critica teatral lisbonense, ignorante, estúpida e matoide.

O primeiro foi o autor ter-se esquecido do publico para quem escrevia e diante do qual devia representar-se a sua peça: não justificou certas ações dos seus personagens. Quem não fôr desconhecedor absoluto da psicologia humana, bem depressa achará os necessarios motivos, as determinantes. Quem conhece a psicologia feminina sabe perfeitamente que o sensualismo morbido duma *Lôlo* pode justificar o repentino desejo do final do 1.º acto para com o malandrete do diplomata. Quem conhece um pouco da psicologia da mulher sabe que ha mulheres que, embora tenham consciencia da lama em que chafurdam, vivem agarradas aos maridos e não tem a força, a independência, a dignidade de romper com êles e limpam-se, purificam-se! Mas a massa dos espetadores, o grande publico, na sua maioria muito ignorante, não compreende, *não sabe que ha*, que pode haver individuos tais como o autor os desenhou...

O outro motivo que choca o grande publico é o desenlace. O publico, o bom burguês, está acostumado a vêr na vida rial desenlaces iguais em que os inocentes são vítimas dos seus algozes, em que os fracos, os injenuos são calcados, aniquilados pelos fortes, pelos esperalhados, em que os honestos são vencidos pelos desonestos, mas no teatro não suporta, *não gosta* que lhes retratem tão fielmente a sua sordida ezistencia e ezi-je que o bem vença o mal, e que a verdade triunfe da mentira. Daqui o acolhimento frio do bom burguês, do publico que frequenta

e tem dinheiro para ir ao teatro.

Mas, justamente porque o autor não transijiu, porque fez o que entendeu fazer sem cuidar do ezito da sua obra, é que nós lhe não regateamos o nosso aplauso e não deixamos de dizer que o *Reposteiro Verde* é um trabalho honesto.

Quanto ao desempenho recente-se do género da peça pouco adquado ao feitio do ator português, mas devemos confessar que, se não elevou a peça, todavia não a enterrou. A salientar ha Augusta Cordeiro, no papel mais complexo e difficil da peça, e Carlos Santos. Os demais regularmente, escéto Luiz Pinto que nos pareceu... doente.

A peça foi posta em cena com carinho de amigos e a encenação minuciosa. As rubulas que Antonio Pinheiro e Lucinda do Carmo se prestaram a desempenhar na peça do seu colega professor são prova evidente do desejo que houve da sociedade artistica de que o novo orijinal de Julio Dantas vingasse.

**Ajubarrota, 4 atos de Rui Chianca — Teatro da Republica.**

A mesma ignorancia que fugiu da peça de Julio Dantas foi a que afluio ao Teatro da Republica a sensibilizar-se nas tiradas piegas patrioteiras de Rui Chianca!

A imbecilidade da peça (?) que se chama *Ajubarrota* não merece que lhe consagremos muito tempo e tinta.

É uma sucessão de tiradas bombasticas, sem nécco, em que os personagens entram e saem sem justificação a não sêr para *dizerem coisas* que a morbidez patriótica sublinhá com estrondosas salvas de palmas, que interrompe o espetaculo e que só por vergonha não pede bis e não manda tocar a "portuguesa".

Sem a menor centelha de intelectualidade, sem a menor ideia ou a mais rudimentar filosofia, *Ajubarrota* é uma peça (?) ôca, vazia, feita por um poeta, por um injenuo que nada mais possui senão saber... versalhar... e que teve um *soberbo interprete* no ator Eduardo Brazão. E lembrar-mo-nos nós de que o *Homem fatal* e o *Apostolo* tiveram ezitos mediocres e *Ajubarrota* enchenes...

**Adolto Lima.**

● Muita gente ha que pergunta o motivo porque é tão lento o progresso das sociedades humanas.

Unicamente á falta de instrução se pode atribuir tamanho atrazo. Ainda que a afirmação horrorize os pacatos, direi que é preferível que em um paiz haja milhares de homicidas e ladrões do que se contém milhares de analfabetos.

De quem é a culpa dessa falta de instrução? Dos governos que sabem que no dia em que todos os homens saibam pensar acabará a sua idade de ouro. — *John Fire.*

## REVOLTAS

de um neurasténico...

I

Rodrigo saíra naquela manhã muito mal humorado. Passára mal a noute, ás voltas com um pensamento torturante que lhe punjia o cerebro como um ferro em braza.

Era domingo, um dia de sol vivificador alegrando a alma, retemperando o corpo, convidando a passeio, a rejuvenescer o sangue em largos haustos de ar puro dos campos.

Rodrigo nem dava por tal, aborrecido comsigo, o cerebro a martelar-lhe sempre a mesma penosa ideia. E' que êle, na segunda feira seguinte, tinha de praticar uma injustiça, de perseguir um companheiro de trabalho, não porque esse companheiro tivesse prevaricado, fosse um mau homem, mas porque se tinha enganado, e esse engano tinha de ser resgatado com uma multa e quem era obrigado a lançá-la era êle Rodrigo!

Nunca este imaginara que algum dia se veria na continjencia de praticar um ato que repugnava à sua consciencia de homem leal e justo!

Saíra pois para arejar a cabeça que lhe escaldava. Mas o espinho cruciante que se lhe cravava no encéfalo, teimava em se enterrar mais ainda... Rodrigo procurava uma solução... e não a encontrava... A raiva por se reconhecer impotente, a indignação provocada pela só ideia da revoltante injustiça que o forçavam a praticar e que teria que praticar se não quizesse perder o seu ganha pão, tudo lhe turvava a natural lucidez e o fazia sofrer cruelmente.

Cabisbaixo, de mãos atrás das costas, ruminando sempre o mesmo pensamento, nada vendo, nada ouvindo, seguia maquinalmente o seu caminho, Avenida acima, pouco movimentada ainda áquela hora, acalentado por um sol carinhoso que tonificava o ar algum tanto puro naquela arteria da cidade nas primeiras horas da manhã.

De subito esbarrou com alguém.

Surpresa de ambos os lados.

—Rodrigo!

—Anibal!

—Não esperava encontrar-te por aqui hoje, ao domingo, a ti que és tão inimigo da cidade! Mas que tens? estás tão mal encarado! que sucede?

—Acontece-me um caso que desde óntem me vem apoquentando e que talvez me leve a fazer alguma tolice!

—Mas conta, conta lá isso! Palavra que me preocupa esse teu ar e essa linguagem em ti tão raras. De que se trata pois?

—Amanhã vou multar um homem que não ganha para

comer, e vou multá-lo para que o meu patrão não perca uns tostões das centenas de contos que ganha em cada ano! vou arrancar esses tostões a um desgraçado carregado de filhos e que ganha dez mil réis por mez! vou praticar esta indignidade para não perder o pão dos meus! para conservar o meu posto, o meu logar!

Rodrigo ezaltava-se á medida que falava. E continuou colérico e indignado:

—E não achas que isto é tórpe? que se eu fizer tal sou um biltre, um monstro? que é um crime tirar a quem mal consegue vejetar para o ir dar a quem vive na abundância e que rebenta de farto?

—Não ha duvida que em principio, esse caso é revoltante, redarguiu Anibal. Mas vejâ-mos: talvez o homem cometesse alguma falta... tenha alguma culpa...

—Não ha culpas no homem que trabalha, e muito menos culpas que devam ser castigadas por quem as comete igualmente ou pode comete-las!

—Mas conta-me lá o caso por meudos, solicitou Anibal.

—Olha, é uma cousa simples e naturalissima: o homem em questão deveria remeter uma encomenda para X. Desejando saber se X era estação de caminho de ferro, consultou o respétivo livro e não encontrou tal palavra; mas viu outra parecida; concluiu como qualquer outro que o cliente tinha estropeado a palavra e espediu a remessa para Y. Do escritório, onde não tem quem ocupasse destas *minudencias*, enviaram a senha ao freguês com o endereço tal qual o indicado por êle. Claro que a carta marchou ao seu destino, o freguês abre a, retira a senha e vê... que a remessa fôra feita para Y! Reclamação, queixas, investigações de como a cousa se passára, vindo a descobrir-se quem tinha sido o... grande criminoso! Devolução da remessa para Lisboa, reespedição para a verdadeira localidade e em tudo isto uma despeza a mais de mil e tal réis! Ora como a casa que realiza fabulosos lucros por ano não pode perder nem um centavo (como se diz agora...) é evidente que quem deve pagar é o *abastado* trabalhador que aufere uns magros escudos em cada mez!...

—Mas amigo, — ponderou Anibal — repara que se não fosse assim, não era possivel haver disciplina em tão numeroso pessoal: cada um faria o que lhe parecesse, deixaria correr tudo á revelia. As multas...

—Homem! caia-te! Não digas tolices! As multas são vexatorias e são um roubo, alem de que não evitam nem atenuam a frequencia das faltas de que por natureza do seu trabalho e das condições em que o eze cuta, necessariamente as ha de cometer. Tu estás para aí a espender teorias tão tolas porque saíste de casa para te distrai-

res, fumando o teu belo havano, encafuares-te talvez numa carruagem de primeira classe e atirares comtigo lá para Cintra ou Cascais... Estivesses tu metido naquela azafama, fazendo dezenas de despachos por dia, e veríamos se alguma vez não mandavas para a China o que era para Paio Pires...

—Mas imagina que todos os empregados se enganavam e que para se não praticarem injustiças, se contentava o patrão em os repreender severamente... Estás a vêr que não chegavam os lucros para compensar o que o pessoal estragasse ou perdesse por desleixo, distração ou incapacidade...

—Isso são palavras, redarguiu Rodrigo. E não és capaz de provar o que dizes. Não és capaz de provar que os prejuízos, se assim se podem chamar, causados por negligência, distração, excesso de trabalho, superexcitação mental na aturada atenção ao serviço, na vertiginosa multiplicidade dos afazeres do empregado, absorvam a cifra dos ganhos de qualquer empresa. Tudo isso já está previsto e representa uma parcela mínima a atenuar a importância dos lucros brutos.

O que as multas, castigos e outras violências repressivas significam, em última análise, é a ezajerada cubiça, o egoísmo levado ao ultimo extremo que o capital manifesta na sua ancia de estorquir do trabalhador o máximo de produção; na alucinada febre de querer que o trabalhador só pense, só se mexa unica e exclusivamente em beneficio do capitalista, o qual imagina que a força, a saúde, a vida, o tempo do proletário, qualquer que seja, tudo lhe pertence pois tolamente crê que sem êle, capitalista, o trabalho nada produziria e o mundo pararia! Tu e tantos outros fazeis a apolojia da disciplina férrea e seus meios coercitivos por mais brutais e injustos que sejam, mas é para os outros: para vós, dispensais bem tal disciplina e revoltar-vos-eis se um colega vosso vol-a impuzer. E se alguma vez, a pretexto de dar o exemplo, pagais uma multa ou uma indemnisação, fazendo d'isso grande alarme, não vêdes ou não quereis ver que o que suporta essa despesa não são os vossos salarios porque não os tendes, mas os vossos lucros, isto é *aquilo que vos fica depois de comerdes, beberdes e vos refastelardes fartos e satisfeitos de tudo*; ao passo que o proletario vai, para que seu patrão não fique prejudicado, arrancar essa despesa ao seu pão, ao pão dos seus.

Anibal ouvia e estava abismado.

—Tens uma tal maneira de ver as cousas... comentou êle. Se fosses ministro, pobre paiz...

—Que importa o paiz se se salvassem os direitos da humanidade e se se respeitava a jus-

tiça. Tens mais alguma cousa a dizer?

—Tenho, sim. Lança a multa se não queres perder o teu ganha-pão. Isto está assim e tu não podes mudá-lo; se te meteres nessa empreza, não passarás de um parvo! Querer agora reformar o mundo!

E, encolhendo os ombros, Anibal despediu-se do amigo com um sorriso ironico.

Rodrigo seguiu-o com o olhar durante uns momentos. Depois continuou o seu passeio monologando:

—Decididamente tinha razão Silva Pinto: o mundo é um côrno! esta sociedade é rialmente de chavelho e bem retorcido!

R. C. Judice.

## Crónica internacional

### ALEMANHA

**O crime de pensar.** — Na Alemanha continúa o rejim da mordaca para a imprensa livre. Assim, temos recentemente:

Condenação do editor do *Freie Arbeiter* a dois meses de cadeia por um artigo;

Idem do editor do *Pionier*, de Berlim, a um mês, por um artigo puramente teórico;

Processo de Frick, redactor de *Der Kampf*, de Hamburgo, por crime identico;

Idem de Berthold Gahn, por um artigo sobre a «Ideia da Greve Geral» no *Freie Arbeiter*.

E que faz, nesse país ainda semi-feudal e semi-absolutista, a «poderosa» social-democracia? Que fazem os milhões de votantes «socialistas» e a centena de deputados não menos «socialistas»?

### BALCANS

**Os efeitos da guerra.** — Os secretários das organizações operárias da Sérvia e da Bulgária, em cartas ao Secretariado Internacional das associações de officio, dão uma rápida ideia da pavorosa situação económica e política dos trabalhadores balcanicos, por causa da guerra. Raras são as noticias e as cartas de lá, porque «é aplicada a mais severa censura mesmo à correspondência particular».

Na Sérvia, as sedes das associações operárias foram ocupadas militarmente; prohibida a publicação dos jornais operários, destruidas as tipografias. As familias dos associados estão na mais horrivel miséria.

Na Bulgária, dos dez mil trabalhadores organizados só quinhentos ficaram em casa. A guerra paralisou a produção: só se trabalha para o ezército. Declarou-se o estado de sitio e a censura cai até sobre as conversas particulares na rua. São prohibidos os comícios e estão suspensos os jornais operários e socialistas. As associações — não o Estado, não a «Pátria» — teem procurado valer ás desgraçadas familias dos associados partidos para a guerra, muitos para sempre. A miséria do povo é indescritivel. Os preços dos gêneros subiram consideravelmente. O movimento operário está arruinado para muito tempo. O futuro é negro.

Que os povos se revejam neste espelho — e tratem de impedir as guerras, seja como for!

### RUSSIA

**Amnistia.** — Espera-se que, por ocasião do próximo tricentenário do advento dos Romanoff, o mesquinho e vingativo tsar se decida a conceder uma amnistia política. Para que esta seja larga e completa, começa a ajitar-se a opinião europeia. Citemos, por exemplo, a notável conferência recentemente realizada em Paris por Francis de Pressensé.

De 1901 a 1906, houve na Rússia 37.620 condenações — 20 por dia. Houve 8.100 condenados a morte, sendo 5.735 por crime politico. Destes foram ezecutados 4.236. Mas as ezecuições «irregulares», durante os pogromes, calculam-se em 21.183.

As prisões russas podem contar, no máximo, cem mil presos: atualmente estão nelas encerrados 220.000! As epidemias não cessam lá dentro. N'uma prisão da Sibéria, os presos são divididos em dois turnos, os quais se sucedem na mesma noite nas mesmas camas! Não há trabalho, que tanto distrai, e a alimentação é abominável. A tortura é sistemática; a chibata trabalha sem repouso.

● Enganam-se os que julgam garantir o futuro e assegurar a nacionalidade com meios esteriores e materiais, com armamentos e alardes de força militar. Uma era nova começou para esta pobre nação que acorda, como d'um sonho, do seu otimismo egoista e banal, e severas provações lhe parecem reservadas. Para arrostar com elas de ponco lhe servirão os canhões e os couraçados em que a imaginação popular, na sua injenuidade, vê um simbolo de força. Mas a verdadeira força é outra. Não é com canhões que havemos de afirmar a nossa vitalidade nacional, mas com perseverantes esforços da intelligencia e da vontade com trabalho, estudo e retidão. Nem a nossa dignidade está dependente de um couraçado, ou de dez ou vinte couraçados, mas só e exclusivamente da enerjia da nossa vida moral.

Antero de Quental. (1891)

## ESPEDIENTE

A todas as pessoas e coletividades a quem enviámos o nosso semanario e que não queiram auxiliar-nos com a sua assinatura, esperamos que no-lo devolvam, com a respectiva cinta, antes da publicação do número seguinte, de contrário considerá-las-emos como nossas assinantes.

A imprensa roga-se a subida fineza de enviar á nossa redação um exemplar do jornal em que se façam referencias á Terra Livre.

Para a publicação do semanario anarquista *Terra Livre* é levantado, entre os que professam ou simpatizam com as doutrinas que êle propaga, um empréstimo de 250\$000 réis dividido em 500 titulos de 500 réis cada um, reembolsaveis em livros e publicações diversas.

O portador de titulos de empréstimo ficará, *ipsò facto*, fazendo parte do grupo editor de *Terra Livre*.

A posse de titulo não só não ezime do pagamento de assinatura do jornal como não confere o direito de interferencia directa nos negocios administrativos ou em assuntos de redação, os quais estão sob a responsabilidade dos organizadores do grupo editor.

Os camaradas a cargo de quem estão a redação e administração do jornal obrigam-se a publicar um balancete mensal e a patentear os livros de escrita a todos os membros do

grupo editor, todas as vezes que lhes aprouver ezamina-los.

Diante do que fica esposto esperamos que os camaradas venham á nossa administração Rua das Gaveas, 55, 1.º, a subscrever as ações que aqui se acham á sua disposição. Aqueles que não poderem vir aos nossos escritorios queiram remeter por carta o nome e a morada, declarando o numero de ações que desejam, que, imediatamente, o nosso cobrador irá procura-los.

Do mesmo processo se podem servir os camaradas da provincia enviando nos, juntamente com os pedidos, a importancia respétiva sem o que os não podemos satisfazer.

## Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

INCLUINDO O IMPORTE DO CORR. O

1 mês (só para o continente)	100 rs.
3 meses.....	300 »
6 meses.....	500 »
1 ano.....	1\$000 »
Numero avulso.....	20 »
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio)...	500 »

Para o Brazil (moeda fraca)

INCLUINDO O IMPORTE DO CORREIO

6 meses.....	2\$400 »
1 ano.....	4\$800 »
Numero avulso.....	100 »
Pacote de 50 exemplares.....	2\$500 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

### Extérieur

Trois mois.....	2,50 fr.
Six mois.....	5 »
Um an.....	10 »
Prix du numéro.....	0,25 »

Les abonnements partent du 1<sup>er</sup> de chaque mois.

Adresser tout la correspondance relative à la Redaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbonne (Portugal).

Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbona (Portogallo).

Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbona (Portugal).

All correspondance for *Terra Livre* should be addressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbon (Portugal).

All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten au Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lissabon (Portugal).